



# Psicoterapia e dinâmica narrativa na ficção de António Lobo Antunes

*Psychotherapy and dynamic narrative in fiction António Lobo Antunes*

ANDRÉ SÁ

Universidade de Évora – Évora – Portugal



**Resumo:** Apesar de ser habitual cruzar a recepção aos seus romances com o estatuto de psiquiatra, os estudos literários raramente têm equacionado a relevância da psicoterapia, praticada por António Lobo Antunes durante vários anos, no aperfeiçoamento da sua técnica polifónica. É intento deste artigo ensaiar uma aproximação concisa a esta análise comparativista, partindo dos romances *Memória de elefante* e *Exortação aos crocodilos*. Alegar-se-á, por um lado, que alguma da originalidade e especificidade trazidas por esta obra ficcional à forma narrativa remetem para o protocolo dos processos psicoterapêuticos, nomeadamente a grupanalise, e, por outro, que a relação entre autor e leitor mimetiza uma aliança terapêutica.

**Palavras-chave:** António Lobo Antunes; *Memória de elefante*; *Exortação aos crocodilos*; Psicoterapia; Aliança terapêutica

**Abstract:** Despite being habitual to cross his novels with the statute of psychiatrist, literary studies rarely have equated the importance of psychotherapy, practiced by António Lobo Antunes for several years, in the development of his polyphonic technique. This article aims to rehearse a concise approach to this comparativist analysis, based on the novels *Memória de Elefante* and *Exortação aos Crocodilos*. It will claim, on one hand, that part of the originality and specificity brought by this fictional work to the narrative form refer to the protocol of psychotherapeutic processes, mainly group analysis, and, second, that the relation between the author and the reader mimic a therapeutic alliance.

**Keywords:** António Lobo Antunes; *Memória de elefante*; *Exortação aos crocodilos*; Psychotherapy; Therapeutic alliance

## 1 Do psiquiatra ao autor

Muito tem sido comentado a propósito das ressonâncias autobiográficas em que os dois percursos do psiquiatra homogeneizados no corpo textual de *Memória de Elefante* – o que configura o eixo diegético, narrativa de um dia comum, e o da representação da memória, em que a reconstrução do passado sobre as coordenadas do presente nos organiza o universo subjectivo do médico – imergem o leitor razoavelmente atento.

Esta percepção virá coordenada com a expressão pública da imagem do autor e consubstancia-se na facilidade com que agenciamos a sua identificação com o médico deprimido deste primeiro livro. Reduz-se, portanto, a uma anotação de coincidências biografistas, sem a dinâmica que cremos existir na aliança desta voz narrativa com o leitor a quem o texto se dirige e a partir da qual se poderá perspectivar a emergência autobiográfica

nesta ficção. Adoptamos, nesta ordem de ideias, as reflexões de Maria Alzira Seixo, afirmando que:

em literatura, a subjectividade da escrita acarreta, de forma mais ou menos evidenciada ou mais ou menos subtil, a projecção de uma circunstância efectiva directa, transformada, reelaborada ou contrastiva, que de algum modo aponta para o autor que a escreve. (SEIXO, 2002, p. 475).

Apesar de ser habitual cruzar a recepção aos seus romances com os estatutos de psiquiatra e de veterano da guerra em Angola, sobretudo no que neles invoca a ambiguidade da loucura e da experiência colonialista, os estudos literários raramente têm equacionado a relevância da prática psicoterapêutica, percorrida anos a fio por António Lobo Antunes, no aperfeiçoamento da sua técnica polifónica. A vertente psicoterapêutica é habitualmente delimitada ao indicar-se a coexistência de

múltiplas vozes em monólogo como um característico processo composicional, clarificando-o, no entanto, mais do na mecânica de uma sessão analítica, pela influência do original manejo polifônico de Faulkner, canonizado na narrativa do século XX com *As I Lay Dying*, e aos conceitos teóricos reivindicados por Bakhtine.

Porque nos parece questão suficientemente permeável e abrangente, é nosso intento, alargando neste texto o âmbito da discussão, ensaiar uma aproximação concisa a esta análise comparativista, partindo dos romances *Memória de elefante* e *Exortação aos crocodilos*. Alegar-se-á, por um lado, que alguma da originalidade e especificidade trazidas por esta obra ficcional à renovação da narrativa remetem para o protocolo dos processos psicoterapêuticos, nomeadamente a grupal análise, e, por outro, que as exigências pedidas ao leitor que aceita a travessia conjunta procurada por Lobo Antunes mimetizam o compromisso tácito de uma relação analítica.

## 2 O setting grupal analítico em *Memória de elefante*

No capítulo décimo da *Memória de elefante* (ANTUNES, 2008, p. 109-121), que intencionalmente faz o transbordo para o segmento nocturno do romance, seguimos o psiquiatra até ao grupo de análise. A sala compõe-se de acordo com o quadro teórico habitual: entre seis e oito pacientes (cinco homens e três mulheres, neste caso), sentados em círculo com o terapeuta, num local sem intrusões do meio exterior (“naquele compartimento aparentemente estanque”). Por entre os comentários interiores do psiquiatra quanto à pretensa inutilidade da terapia, estereotipando tanto a orientação do terapeuta como os conflitos comunicados pelo grupo, assistimos ao livre curso da discussão: os pacientes confrontam, clarificam e interpretam; reagem ao seu papel de terapeutas, uns e outros, numa proliferação de intervenções que, por fim, acaba por desbloquear a resistência do psiquiatra, entusiasmado por uma das raparigas ao diálogo espontâneo e também pela súbita habilidade do orientador na criação de um meio terapêutico favorável:

– Porquê?, perguntou inesperadamente o grupalista como se regressasse à socapa de longa travessia pelos gelos de si próprio. A voz dele abria como que um espaço agradável à sua frente, onde apeteceu ao psiquiatra deitar-se. (ANTUNES, *Memória de elefante*, 2008, p. 117).

Fala então das saudades da mulher e da incapacidade de lho dizer, evoca a desmedida história de amor dos avós, lembra o suicídio do bisavô, fala ainda de um tio dado a perturbações de humor, enquanto o terapeuta conserva a típica posição analítica de “atenção flutuante”.

A sessão de grupal análise é encadeada pelos estudos críticos na descrição da consulta no dentista que diegeticamente a precede, valorizando-se esta por redundar na tentativa de sedução de uma mulher na sala de espera e não propriamente pelo tratamento de um vago dente que só nesse instante se declara doloroso. Ambas, preconizam os estudos, dão ênfase ao deslocamento que o livro problematiza, uma vez que o eixo significativo das duas ocorrências se encontra no tema da inversão do clínico – agora volvido em doente incurável –, no intuito de intensificar o mal-estar vivido pelo médico. Parecemos, porém, que a sessão analítica poderá percepcionar-se noutros patamares da economia significativa do texto, nomeadamente no que em nosso entender funciona em alguns aspectos como uma encenação da técnica posteriormente trabalhada por António Lobo Antunes, para ramificar a tese que neste trabalho sustentamos.

Mas antes de avançar na problematização discursiva da *Exortação aos crocodilos*, acerquemo-nos ainda do tema da procura deambulatória de uma identidade nesta *Memória de elefante*, em constante indefinição de voz narrativa até ao segmento final, um dos pontos nodais para aceder ao universo disfemístico, distintivo, desde a estreia, da ficção antuniana.

## 3 O universo a dois tempos

Dado num regime de focalização interna, a integração dialógica da primeira e terceira pessoas narrativas faz com que *Memória de elefante* instaure desde a primeira página uma ininterrupta ambivalência de identidades. Desta incapacitante relação patogénica com o sentimento de individualidade resulta um corpo em perda, nos patamares da alteridade. Põe-se em cena uma personagem a habitar um conflito que o impede de tomar nas mãos a própria intencionalidade e a partir do qual se torna difícil inscrever nos espelhos uma superfície identificatória.

Exprime-se a ansiedade e a tumultuosa pulverização do halo familiar que a encerrava, em frases longas que dividem os quinze capítulos do livro em três esferas temáticas de igual extensão. Até ao último capítulo, na varanda de evasão sobre o mar do Estoril, não há autonomia criadora nesta solidão. Por essa razão o psiquiatra não tolera a essência de prótese dos espelhos, que não iludem, nem a dolorosa neutralidade em que exortam a sua vulnerabilidade. Desencontros atrás de desencontros, com a única excepção do almoço com o amigo nas Galerias Ritz, conduzem uma dinâmica de revivência de experiências inquietantes e a identificação de motivações, de ansiedades, de defesas – no fim do casamento, por exemplo, explica-se o adiamento da obsessão da escrita, na desumanização da medicina a desmotivação profissional, na guerra de Angola o saber-se desenraizado.

Auxiliando o trabalho auto-analítico que o monólogo interior sobredetermina, *Memória de elefante* encadeia as actividades em que o médico se detém numa amálgama de indiferença e desunião. A real urgência de constituir uma comunicação efectiva é a que sucede no mundo subjectivo: aquele em que nada é marginal e em que o sentido da deslocalização cresce o seu ímpeto de agonia. Urge comunicar: com os doentes, com a mulher, com as filhas, com Lisboa, com a surdez da mãe, com o poder do pai. Comunicar consigo próprio a fim de atenuar os instintos suicidas que o fazem estacionar no cais do sodré ao alcance dos comprimidos. Perceber a modulação do silêncio auxilia-nos a perceber a faceta psicoterapêutica deste romance. Aproximemos este olhar: há um silenciamento progressivo na linha diegética – patente desde o encontro com o amigo e máximo quando descreve os passos perdidos numa boíte com a Dóri – que se modifica na “varanda de betão suspensa sobre o fim da noite” na direcção de um eco vitorioso de uma renovada expressão comunicante.

Neste pressuposto, *Memória de elefante* sobrevém cheio das contradições de uma experiência emocional fortíssima, configurada a partir de um sentimento de perda e repetida numa deambulação exploratória pelas sinuosidades da existência de um homem sem presente e ainda sem futuro, cujo passado transita no binómio que faz da infância inventada um mito inesgotável e da ambiguidade dos anos em Angola a razão primeira da esterilidade do seu sentido existencial.

Constrói-se neste universo a dois tempos a sonâmbula digressão numa cidade que o homem inabitável não sabe reaver. Inabitável por não haver resolução possível do nóculo traumático da guerra colonial. De todos os seres com quem se cruza, apenas ao amigo, como dissemos, simetriza a amizade. De resto, prolifera o plano de dissonâncias várias e a enunciação, na crua afinidade com Fitzgerald e com Céline, das paredes-meias numa aflita perplexidade. Como notou Maria Alzira Seixo, neste livro há lugares e porteiros, vários, mas não há saídas; estão dissolvidas na imobilidade que cerca a sua inquietação, numa cronologia adiada em que o presente é cadenciado pela fixação ao passado. Afirma-se na escrita desta viagem durante um dia e uma noite uma Lisboa maioritariamente disfórica, maioritariamente imóvel, e que, em certo sentido, dada a estreiteza humana que a modula, impede a afirmação plena do indivíduo. Mas não poderemos simplificar: as paisagens africanas são também fonte de maravilhamento; ou uma medicina humanizada que comece da empatia, como se ensina desde Hipócrates. Os sociólogos sempre entenderam a cidade como um lugar para os estranhos, um sistema heterogéneo de relações polarizadas caracterizado por uma cultura de tolerância recíproca. Os modelos de sociabilidade formados nas

idades beneficiam a autonomia dos indivíduos e, conseqüentemente, modificam as formas de integração social. Ao mesmo tempo, esta liberdade emancipatória agrava a solidão, o sentimento de falta de protecção, a incerteza do futuro (cf. INNERARITY, 2010). Esta ambivalência, como não podia deixar de ser, transparece no programa de refundação da existência que encerra num claustro suspensivo esta *Memória de elefante*: o médico afinal não nega a sua viabilidade nesta precisa cidade de Lisboa (depois de Angola ainda mais polifónica e irreconhecível), mas avoluma, pelo contrário, uma euforia a partir da qual se possa operar a reedificação de uma identidade mais ou menos estável.

No fundo, trata-se de ser não através do outro, e a vibração irónica desta decisão tem sido apontada como marca da lógica autodestrutiva que o protagonista é incapaz de fazer cessar – e que em *Explicação dos pássaros* se concretiza no suicídio de Rui S. Ora se o silêncio deste parágrafo não reproduzisse o anonimato pretendido pelo médico, poderíamos considerá-lo como indício da resignação silenciosa à existência colectiva conhecida. Mas este médico quer esbater-se nas multidões desconhecidas para melhor precipitar o amanhecer. As hesitações percorridas ao longo do dia e da noite através da cidade evoluem neste capítulo para uma indefinição cada vez maior, as estratégias para a vida futura mostram-se de uma obscuridade total. Neste sentido, não deveremos desconsiderar o vigor transformador da cidade, de modo que não deixamos de sentir o carácter vacilante na forma desta ironia. O apartamento desmobilado adopta um contexto de fronteira conciliadora entre o dia-a-dia diegético dos gestos asfixiantes e as figurações de uma cidade que, se por um lado é projecção do grotesco de uma vida oca, por outro atea as hélices da individualização. Na imagem da ponte de afirmação literal que por fim remanesce sobre o motivo não aleatório do mar. Ao psiquiatra, decerto não faremos o prognóstico de o ver soçobrado no sistema relacional que a família anseia, pelo contrário, não teremos é dúvidas que a emergência brusca da primeira pessoa à luz nascente das cinco da manhã sentencia o amortecimento das expectativas e a solidão do apartamento vazio. Explicando melhor, parece-nos que a disposição do psiquiatra, oriunda do círculo de angústia murada em que o quotidiano derivou, é ao fim e ao cabo o produto dos métodos antidepressivos de que se socorre. Ou seja, aceitamos a configuração de catarse terapêutica desta viagem ao fim da noite, na postura de quem examina os conflitos internos e os sistemas relacionais a um nível de exploração profunda, e a modificação no funcionamento da personalidade que assinala o êxito desta busca.

Identidade impura, de âmbito simultaneamente individual e de consciência colectiva, sobejamente problematizada na obra antuniana: através dos personagens

traduz-se nos romances a angústia da sua demanda, que os povoa de baldios e casas desleixadas, de pobreza e vidas pequeninas, de degredos ausentes de resolução. Mais do que correlacionar esta leitura com a dimensão pós-colonial do sentimento de alteridade, de que Lobo Antunes é, sem dúvida, uma das expressões mais comovedoras na literatura contemporânea portuguesa, preferimos equacioná-la à luz de um percurso analítico que encara escrita e leitura como tarefas participadas pelo leitor. O tal romance em que todas as páginas são espelhos, diz-se uma e outra vez nas entrevistas e que, especulamos, caminha a favor de um *insight* que instiga um sentimento de “continuidade de identidade” (BATEMAN, BROWN e PEDDER, 2003, p. 105).

Por essa razão entendemos a centralidade simbólica da sessão de grupanálise no sentido deste tema na ficção de António Lobo Antunes. De certa maneira, apercebemo-nos do seu carácter premonitório: nas vozes dispostas em círculo, em associação livre, guiadas por alguém cuja presença é frequentemente silenciosa, *flutuante*, anuncia-se a singularidade composicional das suas narrativas. Que estreitam a cumplicidade num entendimento sobretudo vivido em dependência activa e que, como veremos, oferecem ao leitor tanto a função de *analista* como o lugar do *analizando*. Como disse o escritor a Rodrigues da Silva, em 1996:

O que os estrangeiros dizem que eu trago de novo para a literatura não é mais do que a adaptação à literatura de técnicas da psicoterapia: as pessoas iluminarem-se umas às outras e a concomitância do passado, do presente e do futuro. (ARNAUT, 2008, p. 237).

#### 4 O pacto com o leitor

António Lobo Antunes exige do leitor a fidelidade a mecanismos de leitura distintos, no seu entender, daqueles que se usam para outras narrativas. Na bem conhecida crónica “Receita para me lerem” (ANTUNES, 2. ed., 2007, p. 113), do *Segundo livro de crónicas*, o autor exorta o leitor a decifrar nos desdobrados sentidos que o texto encadeia os mapas simbólicos do inconsciente profundo, ponto de partida para uma regeneração proveitosa do espírito. Nas vagas de frases, continua a explicar-se na crónica, deve transitar-se como por entre as sombras e as claridades de um sonho de forma a consumir a plenitude do corpo textual. As suas narrativas, manifestando o pacto exigido pelo autor na demarcação de uma rota sensível nos cursos de leitura, formam-se como um instrumento similar a uma cura analítica, na medida em que a integração desta obra literária obriga a dissolver as sucessivas resistências que organizamos à expressão dos nossos instintos e a delimitar uma nova ordem na teia

de sentidos em que elaboramos a nossa coesão com o mundo. Insiste-se, assim sendo, na vinculação dos leitores a um programa dinâmico de autoconhecimento, usado sob a luz da compreensão activa e reescrevendo as ordens de causalidade numa tangibilidade que perspetive as hipóteses duma mudança.

Lembramos que esta obra é dominada por processos de inquirição da verdade, que a facetam numa espécie de feixe de raio-X através da consciência das personagens e desloca-se da sua origem dramatizada e pluridiscursiva no intuito de decalcar o espaço íntimo de representação do mundo do leitor.

Ao reproduzir e comentar a atenção que a este fenómeno dedicou o ensaísta Felipe Cammaert explicitamos esta concepção em gestos mais convincentes. Pronunciando-se acerca d’ *O manual dos inquisidores*, Cammaert classificou-o como “uma simbiose perfeita entre o leitor e o escritor” (CAMMAERT 2004, p. 309). No seu entender, a presença de um interlocutor silencioso à volta do qual as vozes confluem como se estivessem em entrevistas psiquiátricas dá espaço ao leitor para ocupar esse centro de intimidade com a consciência das personagens. Um dos efeitos da leitura, neste pressuposto, é o que formaliza o leitor como um segundo interlocutor da memória das personagens. Outro dos efeitos é o que resulta na metáfora das páginas em espelho e da identificação com o universo inventariado na fábula – em que o leitor, para além de decifrar os fios de sentido das recordações das personagens, principia a interrogar as suas próprias memórias. Parece-nos, de todo o modo, que o leitor, em boa verdade, poderá intuir que o caminho na direcção dos espelhos concebe ainda um impacto mais vasto. Como dissemos, a leitura da descontinuidade a que o texto vai coagir implicará no receptor um deslocamento intrapsíquico, a ambicionada transformação a dois que preserva o essencial da atitude literária. Aceitemos este paralelismo com o quadro psicanalítico na primazia da aliança entre autor e leitor para concluir que o que o texto afinal nos pede (o que António Lobo Antunes afinal nos pede) é que abduquemos das defesas narcísicas para isolar e manifestar na transferência o conflito interno e latente.

#### 5 Técnica discursiva e psicoterapia, a convergência

Deste modo, se admitirmos, ponto um, que António Lobo Antunes procura desde 1979 corrigir a crítica (e principalmente o leitor comum, adiantando) na tarefa de ler os seus romances (a que só por convenção dá o título de romance e não poema, como de resto num caso chegou mesmo a dar) ensinando-a como uma espécie de contágio (ler os livros não, pede-nos, os leitores

devem ficar doentes dos livros e depois convalescer) que coordena imediatamente uma lógica de equivalências entre o percurso da leitura e o percurso de uma cura analítica e, ponto dois, que a composição polifônica dos romances posteriores ao *Fado Alexandrino* manifesta especificidades tangenciais à pragmática operativa da grupanálise, assistimos, nesta ordem de ideias, a uma convergência de cenários entre o discurso narrativo e a psicoterapia de base psicanalítica susceptível de uma apreciação bidimensional. Antes de mais, a do plano de recepção da componente efabulatória em que o leitor concretiza os entrecruzamentos das várias vozes que fundem a trama narrativa numa ordem significativa de segundo grau; depois, a que agindo dialeticamente no âmago de quem concretiza o discurso, faz do livro um jogo de espelhos e age, agora, sobre o leitor.

Por outro lado, como o entrevistado António Lobo Antunes significativamente nos diz, em ambas admitimos a expansão das vozes a partir do momento suspensivo do sonho e, portanto, admitimos igualmente que aos métodos interpretativos usados na análise da obra antuniana poderemos aplicar com certa utilidade os conceitos definidos por Freud quanto ao “trabalho dos sonhos”, isto é, quanto aos mecanismos psíquicos que permitem a emergência de um desejo inconsciente, habitualmente coibido pela consciência, através de uma representação alucinatória (agenciada pelos processos de condensação, deslocamento, figuração e elaboração secundária) que remodela o conteúdo latente no seu conteúdo manifesto. Isto não exactamente por alusão deliberada a sonhos específicos (que todavia também ocorre, basta lembrarmos o início desta *Exortação aos crocodilos*) mas por correlacionar o discurso das personagens com os mecanismos de elaboração secundária que articulam os sonhos. Não será, aliás, imune a estas considerações a frequência das figuras retóricas da metonímia, a figura do deslocamento e que Lacan designou como a operação própria do desejo em geral, e da metáfora, associada à operação da condensação, facilitando o surgimento dissimulado no consciente do material recalçado.

De facto, o universo narrativo antuniano acontece num movimento centralizado de recuperação das memórias das personagens numa concepção narrativa que usa o conceito de transferência psicanalítica – uma vez que estes textos se organizam em reconstruções simbólicas do passado das várias vozes –, reactivando-o este passado no presente do discurso num emaranhado de sentimentos e atitudes cujo percurso significativo sucederá da interpretação feita tanto pelo narrador como pelo narratário. Como nas polifonias romanescas, nas terapias de grupo

o que no fundo ajuda é criar em conjunto, responder e reflectir sobre as experiências que se revelam no grupo, eventualmente pondo em palavras o que anteriormente era desconhecido ou inexprimível para eles mesmos e para os outros. (BATEMAN, BROWN e PEDDER, 2003, p. 155).

A reescrita do passado radica em teias de recorrência as recordações da infância e da adolescência, não se limitando as vozes a falar no passado mais ou menos recente ou mais ou menos explícito que em geral une os narradores num acontecimento ou num sistema relacional comum, mas, à medida que as resistências do grupo vão sendo dissolvidas, deslocam-se os termos de um depoimento inquisitivo para as particularidades da livre associação. E se a aliança terapêutica visa investigar os modos como a relação entre as partes Adultas do terapeuta e do paciente é distorcida pela parte Criança do paciente no fenómeno da transferência (BATEMAN, BROWN e PEDDER, 2003, p. 81) com mais acuidade clarificamos a irrupção do presente da narração de sentimentos e personagens da infância – povoando, definindo e usualmente impedindo a autonomia das relações adultas. O capítulo 17 da *Exortação aos crocodilos* tece com rigor esta condensação intensa de eventos, entre a morte e o desejo, entre o apagamento da identidade e a doença. Note-se como neste passo tem lugar a transferência:

– Todos sujos de lama que vergonha olhem para esses bibes o general, o secretário, o senhor bispo, o comandante, a Celina acorados na selha grande onde as minhas tias despejavam baldes de água quente, penteavam-me com um pente molhado e os dentes ficavam impressos em sulcos paralelos (ANTUNES, 3. ed., 2007, p. 195-196).

Decorrentemente, e uma vez que seus livros “são símbolos materiais de ilusões fantásticas” (ANTUNES, 2. ed., 2007, p. 114), a adopção de algumas das noções interpretativas do método psicanalítico poderá auxiliá-los na viagem

ao seu aparente desleixo, às suspensões, às longas elipses, ao assombrado vaivém de ondas que, a pouco e pouco, os levarão ao encontro da treva fatal, indispensável ao renascimento e à renovação do espírito (ANTUNES, 2. ed., 2007, p. 114).

## 6 A matriz grupal

*Exortação aos crocodilos*, desfiando em 32 capítulos as vozes de quatro mulheres – Mimi, Fátima, Celina e Simone – ilustra pertinentemente estas ideias de contiguidade com a grupanálise. Antes de mais,

porque a história da rede bombista (protagonizada pelos homens afectivamente mais ligados a cada uma das mulheres e dos quais possuímos unicamente informações lateralizadas) que declara a coesão de uma consciência unificadora se clarifica, na análise que insinuamos, ao entendê-la como um pretexto ficcional montado à tona do discurso para encenar as sessões de grupanalise de que o leitor está a participar: ora no papel de analista, ora no papel de analisado, tendo em conta os efeitos de leitura que há pouco destacámos. E não será despropositado mostrar que à focalização polifónica específica desta obra não é de todo alheia a técnica psicoterapêutica de *spotlighting*, que procura solucionar o conflito de grupo fazendo de um paciente de cada vez o detentor de toda a atenção (BATEMAN, BROWN e PEDDER, 2003, p. 156). Como não será de igual modo displicente aceitar que no modo de espacialização que aqui se instaura, de forte simbolismo entre as figurações do ideal e do trágico e em sucessivo deslocamento disfórico dos lugares na direcção alucinatória das suas evocações obsessivas (para além da materialização do quadro da terapia de grupo), poderá ver-se a representação de uma forma do imaginário espacial. Fazendo eco d' *A poética do espaço* de Bachelard (2008): eco da incapacidade da sociedade actual conseguir edificações habitáveis – e anotemos a mediocridade, a asfixia e o meio em declínio que até as casas endinheiradas entranham na energia libidinal das figuras antunianas –, eco da ruptura entre o imaginário e a morada produzida, eco da fenomenologia da casa e das três componentes (o “dentro”, a verticalidade interior e a concentração) que modelam o arquétipo do abrigo. Este lugar da evocação, então, agindo como eixo central de um microcosmo consagrado.

De fato, por esta comparação, aferimos que os vínculos entre as quatro mulheres (como sucede em tantos dos romances relacionais de Lobo Antunes), mais do que às ligações de ordem sociocultural que vamos reconstruindo pouco a pouco a partir dos fragmentos discursivos, se reportam afinal a uma impressão comum da solidão e da falta de sentido para a vida com que todas se deparam. A comunicação de desejos e sentimentos que as quatro mulheres não são capazes de exprimir anteriormente passa a acontecer sob a protecção do grupo. Que, neste caso de *Exortação aos crocodilos*, assume a curiosa perspectiva de um grupo especializado, de composição exclusivamente feminina. Estes grupos reunidos exclusivamente com um sexo promovem a diminuição da ansiedade relativa ao sexo oposto e, neste caso, participamos (e cooperamos) da constituição gradual da fala subjectiva destas mulheres e à modificação do seu estatuto subalterno em relação ao universo masculino, de que se mostram em sombra lateralizada. A programação deliberada da explosão da vivenda de Mimi e a carta de despedida de Simone

declaram a atuação decisiva desta autonomia num exercício em que a intrincada interação de vozes tutelada pela polifonia fomenta (se usarmos os nexos teóricos da terapia grupanalítica) a ‘matriz de grupo’,

uma cultura única em desenvolvimento com a sua própria história e memória, à medida que os membros se relacionam cada vez mais intimamente. [...] Nela, cada indivíduo pode mergulhar em experiências que são pessoais, interpessoais e transpessoais. Isto é, elas provêm do passado e do presente únicos de cada indivíduo fora do grupo, de novos encontros entre membros ‘aqui e agora’ no grupo e de motivos e respostas profundos partilhados que transcendem as suas individualidades separadas. (BATEMAN, BROWN e PEDDER, 2003, p. 160).

Reduzam-se então estas ideias a um gesto amplo que nos permite dizer a contiguidade entre a polifonia discursiva de Lobo Antunes e a sua prática de grupanalista. Em *Exortação aos crocodilos* temos o seguinte quadro discursivo: quatro mulheres de origem e estatuto social muito distinto dividem equitativa e sequencialmente os tempos de narração. Apesar de cada capítulo se concentrar num único ponto de vista, há intrusão das vozes das outras mulheres e de outras personagens no discurso dominante, circunscrevendo um ritmo feito de “vozes, respirações, pessoas, fragmentos vagos no escuro” (ANTUNES, 2. ed., 2007, p. 169) que alumia primariamente um núcleo infantil obsessivo recorrente. Para a materialização do discurso fragmentado deste ritmo, em muito contribuíram as inovações formais de António Lobo Antunes – de que salientamos a elipse lexical e gráfica, as suspensões semânticas, translineações – “numa poética do interstício” (SEIXO, 2002, p. 384) em que “cada um seja ambos e regressemos desses espelhos como quem regressa da caverna do que era” (ANTUNES, 2. ed., 2007, p. 115).

## Referências

- ANTUNES, António Lobo. *Exortação aos crocodilos*. Lisboa: Dom Quixote, 2007.
- ANTUNES, António Lobo. *Memória de elefante*. 26. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2008.
- ANTUNES, António Lobo. *Segundo livro de crónicas*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2007.
- ARNAUT, Ana Paula. (Ed.). *Entrevistas com António Lobo Antunes*. Coimbra: Almedina, 2008.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. ed. Martins Fontes, 2008.
- BATEMAN, Anthony; BROWN, Dennis; PEDDER, Jonathan. *Princípios e prática das psicoterapias*. Lisboa: Climepsi, 2003.

CAMMAERT, Felipe. O leitor da memória: o papel do leitor em *O manual dos inquisidores*. In: CABRA, Eunice (org.); CABRAL, Carlos; JORGE, J. F.; ZURBACH, Christine. *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes: actas do Colóquio Internacional António Lobo Antunes*. Lisboa: Dom Quixote, 2004. p. 297-311.

INNERARITY, Daniel. *O novo espaço público*. Lisboa: Editorial Teorema, 2010.

SEIXO, Maria Alzira. *Os romances de António Lobo Antunes: análise, interpretação, resumos e guiões de leitura*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

Recebido: 24 de dezembro de 2012  
Aprovado: 13 de janeiro de 2013  
Contato: andredcsa@hotmail.com